

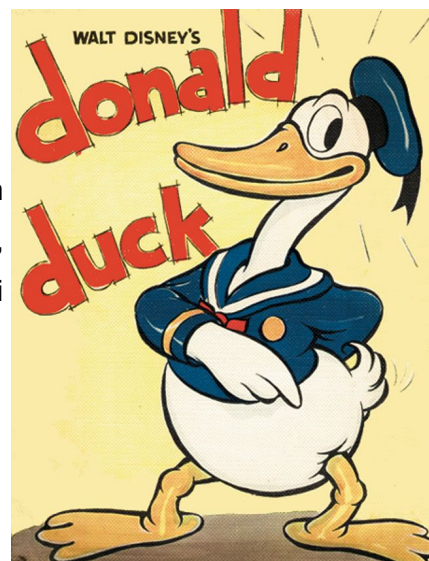
DONALD

O EVANGELHO DO PATO

Ele foi criado em 1934, como coadjuvante de um desenho animado. Sua aparência mudou com o tempo. A voz, nem tanto – sempre foi um grasnar, quase uma rouquidão. Foi esse som, aliás, que inspirou o surgimento do personagem.

Quem contou isso foi o próprio Walt Disney :

“O Pato Donald veio (...) para se ajustar à voz que vinha me interessando já há alguns anos... Era um personagem que simplesmente não conseguimos segurar.”



Realmente ninguém mais o segurou desde então.

Mickey sempre foi a figura principal. Suas orelhas de camundongo são sinônimo do universo Disney em desenhos, filmes, revistas e brinquedos. Mickey Mouse é o personagem fofo, dotado de uma personalidade intelectual e humilde.

O Pato Donald, por sua vez, é o oposto. Emocionalmente descontrolado, na maioria das vezes o encontramos raivoso, impaciente e pobre. Tem a personalidade imperfeita que gostaríamos de evitar.

Donald não consegue ser tão inteligente quanto o Mickey. É incapaz de resolver os crimes com a sagacidade e coragem do camundongo e não se dá bem na maioria dos desafios que encara. Donald também não consegue ser tão bem-sucedido quanto seu tio, o Patinhas. A bem da verdade, ele passa mais tempo desempregado, na dureza. E Donald sequer consegue ser tão simpático na idiotice quanto o Pateta, que de tão abobalhado conquista o coração das pessoas.

Mas o Pato Donald é bonitinho, fofinho e esforçado. Gostamos dele por causa disso.

Pobre Donald... Também, não poderia ser diferente para um pato. Voltando ao mundo real, sabemos que o pato é um animal que tem a soma das qualidades. Veja :

O pato nada! Tem pés adaptados para se movimentar em rios e lagos.

O pato voa! Tem asas grandes e força para sair do chão em poucos segundos.

O pato mergulha! Suas penas impermeáveis mantém a temperatura do corpo debaixo d'água.



Qualidades perfeitas para um ser vivo do seu porte.

O problema é que o pato... não faz nada direito! O pata nada mal. O pato voa mal. O pato mergulha mal.

É, não seria preciso nem exame de DNA. Donald definitivamente é um pato!

E o Evangelho que vemos pregado hoje em dia é dele, exclusivamente.

É o Evangelho cheio de imperfeições, o Evangelho do Pato.

Você já se sentiu como um pato, dentro de uma igreja ou diante de uma pregação no rádio, na internet, na televisão? É aquele momento quando desperta um certo senso crítico, por menor que seja, e que lhe dá a visão para compreender que, afinal, aquelas palavras sobre o amor são verdadeiras, mas não são colocadas em prática tão bem assim, não passam de uma tolerância parcial, e nada mais. Até queremos amar o ladrão, ou o adúltero ou a moça que engravidou sem casar, mas não conseguimos dissociar o crime do criminoso. Então vão todos para o inferno. Se o problema é o homossexualismo, então, alguns acreditam que é melhor manter distância e amarrar o espírito imundo. Levam a batalha para o campo espiritual porque, enfim, o risco é menor do que estender a mão, oferecer um ombro de companheirismo ou abrir a porta dos nossos lares com amizade.

Já observou como há mais lealdade nas facções criminosas dos presídios paulistas e da favelas cariocas do que dentro de algumas comunidades que se consideram cristãs? Entre algumas lideranças religiosas, então, nem se fale. O amor que vivemos, é “de pato”.

Quando a questão é o trabalho social, parece mesmo que o esforço é sincero. As doações surgem de diversas famílias cristãs. Pobres ganham roupas, cobertores, cestas básicas e sopas. E está bom, né? A parte da Igreja foi cumprida, damos baixa num dos itens da lista de necessidades espirituais. Mais uma atitude “de pato”, consciência leve para a próxima hora de celebração.

E poderia ser fácil deixar tudo “menos pato” no campo da espiritualidade, correto?

Pregações que instigassem homens e mulheres a se aproximarem do Criador e levarem adiante os ensinamentos do Cristo. Contudo, nem sempre é assim. Só de vez em quando, e olha lá. Ou você não percebe a proliferação das mensagens de cura, libertação, vitória, prosperidade e riqueza? Ouvimos uma pregação rasa e nem a uniformidade protestante existe mais. É um Jesus pregado para cada lado.

Ultimamente, nem na música deixamos de ser “pato”. Corremos atrás dos modismos que existem do lado de fora das nossas paredes, sem critério algum e com grande atraso. A moda é sertanejo? A Igreja corre atrás, e faz mal feito. Até que a moda passa e a Igreja

continua. A moda é pagode? Lá vai a Igreja atrás, e chega atrasada. A moda é música romântica, é funk, é balada, é rock? Corram lá, atrasadinhos de Jesus...

Sabemos fazer boa música, sim. Mas estamos conduzindo mal a adoração a Deus.

Sabemos cuidar dos necessitados, e o fazemos mal.

Sabemos qual a verdadeira mensagem, mas pregamos mal.

E sabemos amar nossos irmãos, porém... estamos amando mal.

Esse não é o Evangelho de Jesus Cristo. É o evangelho do pato, uma pregação meia-boca, um festival de mensagens tapa-buraco.

Como o Pato Donald, os adeptos desse evangelho só são admirados e confundidos com autênticos cristãos porque são bonitinhos, esforçado, alegres e – lá no fundo – boas pessoas.

Pregamos esse evangelho porque queremos patos ao nosso redor, nos fazendo companhia. Assim como aconteceu com Walt Disney, essa personalidade de Pato Donald é algo que *“simplesmente não conseguimos segurar”*, insiste em predominar.



Só existe condição de isso mudar quando abandonarmos os critérios de “ser pato”. O dia em que o pato nadar muito bem ou voar muito bem ou mergulhar muito bem, ele vai ser outro animal. Poderá ser um cisne, come nado gracioso; ou um ganso, com seus vôos rasantes; ou um pinguim, com seus mergulhos profundos. Qualquer coisa, menos um pato.



www.deusnogibi.com.br